

03-06-2021

O futebol e minhas vergonhas (I)

Rossel Lyra Desmond

[Antropóloga. Indigenista]

Meu pai me levava ao estádio. Nossa casa era longe do Maracanã. Por isso fui pouco lá. Perto de nossa casa era o campo do Bangu, bairro onde morei na infância e parte da adolescência .

Eu gostava do nome do estádio: Moça Bonita. Nas poucas vezes em que meu tio Alfredinho, meu tio louco manso que morava com a gente (já falei sobre ele aqui na Coluna), nos acompanhava à Moça Bonita ele dizia: *hoje vamos ao seu campo, moça bonita!*.

Acho que meu pai era banguense mais pela proximidade do campo do que por amor ao time. Logo que cresci um pouco mais, já adolescente, eu ia à Moça Bonita com meu pai e às vezes com meu tio pra ficar olhando pra torcida. Nem via os jogos direito. Muito depois, já antropóloga, quando tive contato com os *não-lugares* do antropólogo francês *Marc Augé*, refleti muito sobre como eu me sentia no estádio do Bangu. Descobri duas coisas, A primeira é que eu estava num lugar, apesar de me sentir ausente. A segunda é que hoje um estádio de futebol é um *não-lugar*. As razões disso, se vocês concordarem comigo vamos ver por aqui..... Na época, as conversas de tio Alfredo com sua cachorra - Loba - e o estádio do Bangu me empurraram para a antropologia. Meu interesse era o movimento das pessoas, o tremular das bandeiras, não só as vermelho-brancas, mas as multicoloridas das torcidas dos adversários e as provocações entre elas. E eu ficava encantada de ver a cara das pessoas saindo do estádio quando o Bangu ganhava ou perdia. Deveria ter eu estudado Psicologia? Eu não enxergava nelas o ódio mortal que hoje a gente vê sempre na TV ou como víamos ao vivo antes da pandemia.

Pra mim aquilo era uma brincadeira de turmas, como no meu ginásio estadual quando jogávamos queimado. Mesmo quando eu ia com a camisa alvirrubra do Bangu, eu não conseguia torcer com o coração. Alguma coisa me impedia de vibrar e eu não sabia o que era. Fui descobrindo pouco a pouco aquela sensação de “falta de amor” pelo time. Cheguei a ter medo de ser uma pessoa insensível. Se eu soubesse, naquela época, que ali era um meu-lugar de observação e não o *não-lugar* de *Marc Augé*, eu teria ficado despreocupada. Ainda bem que meu pai não me cobrava atitudes histéricas diante do gol. E quando tio Alfredo ia com a gente, nossos olhares eram cúmplices tanto na vitória quanto na derrota - apenas serenidade -. Mesmo no dia em que o estádio Moça Bonita recebeu sua maior lotação - uma multidão de 32 mil pessoas - pra ver o Bangu empatar em 1x1 com a grande seleção brasileira de '70 (e o jogo foi antes do Brasil ser campeão mundial), eu e tio Alfredo ficamos calados o tempo todo. Tenho uma lembrança de menina que meu tio volta e meia pegava carinhosamente em minha mão, coisa que não era comum lá em casa, e me olhava com ternura.

A cena emblemática desse fato foi na hora do gol do Bangu. Sempre preocupada com essa minha “insensibilidade”, tempos depois, meu primeiro namorado me tranquilizou, ao acender em mim o fogo da paixão. Mas quando me apaixonei pelos índios descobri de vez que eu era portadora de um amor humano como o amor humano: amor inesgotável. Na faculdade comecei a ter indícios sobre a razão daquela minha “insensibilidade” no campo do Bangu Atlético Clube.

Nas aulas de antropologia sobre os movimentos de massa, principalmente sobre futebol e samba, descobri algumas coisas sobre “meu time”. Inclusive, conheci a frase de Nelson Rodrigues, um apaixonado pelo futebol, que dizia que “*o pior cego é só o que vê a bola.*” Tranquilei-me.

Motivos de orgulho e de vergonha me acompanharam durante muito tempo. Por não tê-los resolvido até hoje, ainda tenho o Bangu com orgulho, mas vejo o futebol com uma certa vergonha. “Meu time” nasceu na fábrica de tecidos Bangu (1889) e seus operários já jogavam futebol no final do século XIX. Consta que *Thomas Donohoe*, um escocês, operário da fábrica, implantou lá o futebol entre seus camaradas. Por isso, também, foi um dos primeiros clubes de *foot-ball*, no Brasil, fundado em 1904. E, em 1905, o Bangu foi o primeiro clube brasileiro a escalar um atleta negro em seu time: Francisco Carregal. Motivo de orgulho.

E, por isso, o Bangu recebeu a Medalha Tiradentes da ALERJ [Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro], em 2001, “*pelo destemor e pioneirismo na luta para superar preconceitos discriminatórios contra atletas.*”

O problema é que a medalha foi concedida, também, em anos posteriores, a Adriano da Nóbrega (o miliciano assassino do escritório do crime, condecorado por Flávio Bolsonaro).

E a condecoração não parou aí. Também receberam a medalha: Flordelis Souza, Edir Macedo, Olavo de Carvalho, Michele e Jair Bolsonaro. Conhecem bem esses nomes?

Motivo de orgulho ou vergonha? E o orgulho banguense das suas glórias, entre as quais ter sido o primeiro clube a ganhar um título no Maracanã, em 1950, foi me abandonando quando sua glória se misturou à biografia de Castor de Andrade. Não propriamente por Castor ter sido o chefe dos chefes na contravenção e na corrupção de “autoridades”.

A lista, infinita, que envolve até presidentes da República, nem cabe aqui discorrer. O mundo obscuro do crime que Castor ajudou a consolidar no Rio de Janeiro, durante décadas, ainda se reflete em disputas recentes do clã dos Andrade -. Meu foco aqui não é esse. E para ficar no foco antropológico, justiça seja feita a Castor de Andrade como um dos mentores da mercantilização do futebol.

O mecenas mafioso, inclusive, foi um intelectual orgânico do mal ao juntar futebol e samba ao mundo do crime.

Como patrono da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel (bairro próximo a Bangu), juntando-se a bicheiros patronos de outras escolas de samba, criou a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

E de lá pra cá, como dizia o sambista Candeia, as Escolas de Samba perderam sua ligação com o povo para virarem espetáculos midiáticos (para o mercado). Quem acredita, como eu acredito em *Karl Polanyi*, que ensina que o mercado e suas transações e regulações são o moinho satânico que tritura as relações sociais, sabe que no mundo global existem, cada vez mais, “intelectuais” do liberalismo econômico e mafiosos oficiais ou clandestinos, protegidos pelas classes políticas mercadofílicas dos Estados nas esferas legislativa, executiva e judiciária que se ajoelham na catedral do Deus Mercado, para orar por si próprios. A cultura, a arte e o esporte foram os últimos redutos conquistados pelo moinho satânico do mercado. Quem ama o futebol e o samba não deve ficar indiferente a isso.

continua

<p>Se eu soubesse, poucas décadas depois de meus passeios em Moça Bonita, que só o futebol, no mundo, movimentava bilhões de dólares que superam o PIB de mais de 100 países no mundo, eu teria a razão exposta de que porque eu não torcia pelo Bangu. E não é pelo volume. É pela pergunta: para onde vai esse dinheiro?</p> <p>Um jogador como Neymar que recebe por ano o equivalente ao salário de centenas de operários de fábricas de tecidos, como foi a fábrica Bangu, durante a maior parte de suas vidas, é de fazer chorar. 30 milhões de Euros por temporada, é isso mesmo? Fora o resto, patrocínios de mercado, mercado, mercado. E esse “nosso” brasileiro nem é o jogador mais bem pago do mundo. Mas ... torcemos por Neymar. Orgulho ou vergonha?</p>	<p>Quando penso que o Bangu foi o 1º time no Brasil e, provavelmente, no mundo, a ostentar o patrocínio na camisa alvirrubra, inaugurando o marketing no futebol, faço beijo. Isso foi em 1948. Eu estava longe de ser trazida ao mundo. A ingenuidade mercadológica de meu pai não lhe permitia vislumbrar o que estava por vir. E meu tio Alfredinho só queria saber de juntar seus montinhos de pedras, conversar com as árvores e cuidar de sua cachorra - Loba -. Sei que essa discussão é complexa, mas me arrisco a levantá-la por causa de meu grande amor: os índios. E os índios querem jogar futebol. Minhas vergonhas no futebol não param por aqui. Voltarei.</p> <p style="text-align: center;">■ ■ ■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	